

## XIMAN POTEH: ILUMINANDO CAMINHOS PARA O FUTURISMO INDÍGENA NA LITERATURA BRASILEIRA

XIMAN POTEH: LIGHTING PATHS FOR INDIGENOUS FUTURISM IN BRAZILIAN  
LITERATURE

XIMAN POTEH: ILUMINANDO CAMINOS PARA EL FUTURISMO INDÍGENA EN LA  
LITERATURA BRASILEÑA

Marcia Geralda de Almeida <sup>1</sup>

**Manuscrito recebido em:** 30 de junho de 2023.

**Aprovado em:** 22 de novembro de 2023.

**Publicado em:** 01 de janeiro de 2024.

### Resumo

Este artigo apresenta uma breve análise do primeiro conto do livro *Ximan Poteh: contos dos futuros Puris*, a partir do conceito de Futurismo Indígena. O conto escolhido para análise intitula-se “A canoa, o chefe e o seu principal inimigo”. Trata-se de um estudo bibliográfico e interpretativo, de cunho qualitativo. O conceito de Futurismo Indígena foi pensado pela pesquisadora da nação Anishinaabe, Grace Dillon, a fim de refletir sobre o protagonismo indígena no futuro e, por meio da literatura e outras artes, (re)imaginar futuros em que o indígena não apenas seja protagonista, mas também que sua cultura, cosmovisão, cosmologia e história sejam respeitadas e valorizadas. A análise permitiu evidenciar, nesse conto, duas características mais amplas do Futurismo Indígena, a saber: a) a pluralidade de sujeitos e suas demandas específicas; b) a temporalidade cíclica/não linear. Essas duas características mais amplas englobam outras mais específicas, tais como a ancestralidade e a espiritualidade, a cosmovisão e a cosmologia indígena, os grafismos e a linguagem nativa etc. Embora o Futurismo Indígena seja uma abordagem bastante recente e que requer mais aprofundamento, este estudo permitiu verificar como as características evidenciadas apontam para o fim da branquitude como estrutura de dominação e como o Futurismo Indígena é um caminho para confrontar as narrativas coloniais de primitivismo e desaparecimento dos povos originários, negando o ponto de vista de uma história única.

**Palavras-chave:** Literatura; Povos indígenas; Fantasia; Viagem espacial.

### Abstract

This article presents a brief analysis of the first tale of the book *Ximan Poteh: tales of the future Puris*, based on the concept of Indigenous Futurism. The short story chosen for analysis is entitled “The canoe, the chief and his main enemy”. It is a bibliographical and interpretative study, of a qualitative nature. The concept of Indigenous Futurism was conceived by the Anishinaabe Nation researcher, Grace Dillon, in order to reflect on indigenous protagonism in the future and, through literature and other arts, to (re)imagine futures in which the indigenous people is not only a protagonist, but also that their culture, cosmovision and history are respected and valued. The analysis made it possible to highlight, in this tale, two broader characteristics of Indigenous

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Integrante do grupo de estudos Aplicação do pensamento de S. Zizek na análise literária e em outras artes narrativas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7093-893X> Contato: [marcialmeida57@gmail.com](mailto:marcialmeida57@gmail.com)

Futurism, namely: a) the plurality of subjects and their specific demands; b) cyclical/non-linear temporality. These two broader characteristics encompass other more specific ones, such as ancestry and spirituality, indigenous cosmovision and cosmology, graphics and native language, technology etc. Although Indigenous Futurism is a fairly recent approach that requires further investigation, this study allowed us to verify how the characteristics highlighted point to the end of whiteness as a structure of domination and how Indigenous Futurism is a way to confront the colonial narratives of primitivism and disappearance of the original people, denying the point of view of a single history.

**Keywords:** Literature; Indigenous people; Fantasy; Space flight.

### Resumen

Este artículo presenta un breve análisis del primer cuento del libro Ximan Poteh: cuentos de los futuros Puris, basado en el concepto de Futurismo Indígena. El cuento escogido para el análisis se titula “La canoa, el cacique y su principal enemigo”. Se trata de un estudio bibliográfico e interpretativo, de carácter cualitativo. El concepto de Futurismo Indígena fue concebido por la investigadora de la Nación Anishinaabe, Grace Dillon, para reflexionar sobre el protagonismo indígena en el futuro y, a través de la literatura y otras artes, (re)imaginar futuros en los que el indígena no sea solo un protagonista, pero también que se respete y valore su cultura, cosmovisión e historia. El análisis permitió destacar, en este relato, dos características más amplias del Futurismo Indígena, a saber, la pluralidad de sujetos y sus demandas específicas; y temporalidad cíclica/no lineal. Estas dos características más amplias engloban otras más específicas, como la ascendencia y la espiritualidad, la cosmovisión y cosmología indígena, los dibujos corporales y la lengua nativa, la tecnología, etc. Si bien el Futurismo Indígena es un enfoque bastante reciente que requiere mayor investigación, este estudio permitió verificar cómo las características destacadas apuntan al fin de la blanquitud como estructura de dominación y cómo el Futurismo Indígena es una forma de confrontar las narrativas coloniales de primitivismo y desaparición de los pueblos originarios, negando el punto de vista de una sola historia.

**Palabras-Clave:** Literatura; Pueblos indígenas; Fantasía; Vuelo espacial.

### Introdução

Apesar dos diversos esforços empreendidos pelos colonizadores europeus para apagar e silenciar os povos colonizados, tanto no continente africano quanto no continente americano, os povos originários desses locais, inclusive os que passaram por processos de diáspora, continuam existindo e resistindo de diversas maneiras, isto é, lutando pelo direito de existir, pela recuperação e expressão cultural e linguística, pela sua ancestralidade e contra os preconceitos construídos a partir das narrativas eurocêntricas estereotipadas produzidas pelo colonizador, a fim de justificar a colonização e perpetuar a fantasia da origem pura (Bhabha, 1998), segundo a qual o europeu seria a raça pura e, portanto, autorizada a subjugar outros povos.

A respeito da colonização empreendida pelos espanhóis na América, Todorov (1991) evidencia como os colonizadores ficaram impressionados com a organização da sociedade asteca, seus sistemas de agricultura e edificação de monumentos, contudo, mesmo tendo conhecimento disso, impuseram à população nativa um sistema de exploração violenta, aniquilando-a, em pouco tempo, para obter suas riquezas. Segundo o autor, no ano de 1500, a população mundial contabilizava em torno de 400 milhões e, desse número, 80 milhões habitavam as Américas. “Em meados do século XVI, desses 80 milhões, restam 10. Ou, se nos restringirmos ao México: às vésperas da conquista, sua população é de aproximadamente 25 milhões; em 1600, é de 1 milhão” (Todorov, 1991, p. 115). Isso evidencia a proporção da violência colonizadora na América Central e o genocídio cometido contra os povos nativos. Segundo o autor, 90% dessa população morreu em virtude de doenças, devido às péssimas condições trabalho ou trabalho forçado, escravidão, fome, ou em confronto direto com os colonizadores, ou seja, assassinados.

Em contrapartida a esse genocídio, o estudo realizado pela pesquisadora Janice Thiél (2012) apresenta dados quantitativos sobre a presença de povos nativos nas Américas, no século XXI, evidenciando o número de 50 milhões de povos originários na América Latina, dentre eles 817.963 no Brasil, além de 4 milhões e 500 mil nos Estados Unidos. Os dados são indicativos da resistência indígena. Thiél (2012, p. 9) afirma que “apesar de ter uma história própria, o nativo das Américas nasce para a História Ocidental somente quando é construído nos textos coloniais. A partir de então, recebeu seu registro civil, mas não tem reconhecidas sua cidadania nem civilidade”.

Uma das formas de ressurgência e resistência desses povos originários é a reescrita da história da colonização que permite questionar e desconstruir os estereótipos criados sobre eles pela narrativa ocidental. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009) discorre, em seu livro *O perigo da história única*, sobre a relação entre narrativa e poder e o quanto isso pode ser problemático, à medida que permite a formulação da história única, que “cria estereótipos”; segundo ela, “o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, 2009, p. 14). Para a autora, “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”, assim ela

propõe: “Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente” (Adichie, 2009, p. 12). Nesse entendimento, a literatura tem sido uma ferramenta de reescrita e recuperação histórica dos povos originários de África, das Américas e de outras regiões também colonizadas por povos europeus.

Por muito tempo, a história do colonizado foi contada sob uma perspectiva unilateral, mas, no continente americano, desde a década de 1960, escritores como Vine Deloria (com o manifesto *Custer died for your sins: an Indian manifest*) e Navarre Scott Momaday (com a obra *House Made of Dawn*) começaram a abrir os caminhos para a possibilidade do que Graça Graúna (2013) chama de auto-história. Desde então, muitos outros escritores nativos do Canadá, dos Estados Unidos, do Brasil etc. têm realizado o trabalho importante de recuperação histórica, cultural e linguística. E esse movimento de expressão e auto-história nativa e da diáspora acontece não só na produção literária, mas também em outras artes como a música, as artes plásticas etc.

Na esteira dessas produções artísticas, o final do século XX é marcado pelo nascimento de uma nova proposta que, além de reescrever e auto-escrever a história dos povos antes colonizados, em um esforço de recuperação cultural e linguística, tem (re)pensado a presença desses povos no futuro, a partir dos conceitos de Afrofuturismo e, mais recentemente, Futurismo Indígena. Trata-se de imaginar futuros em que os corpos não-brancos não só estejam presentes no futuro, mas também sejam protagonistas, contrariando a narrativa ocidental de miscigenação, bem como revertendo o processo de apagamento e silenciamento. Trata-se ainda de pensar um futuro caracterizado por cosmovisões além da cosmovisão ocidental, ou seja, cosmovisões africanas e indígenas de diferentes povos e nações, em um processo de descolonizar o futuro. Conforme explica Ytasha L. Womack:

Seja através da literatura, artes visuais, música ou base organizacional, os Afrofuturistas redefinem a cultura e as noções de negritude para hoje e para o futuro. Tanto como estética artística quanto estrutura para teoria crítica, o Afrofuturismo combina elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, afrocentricidade e realismo mágico com crenças não-ocidentais. (Womack, 2013, p. 9, tradução nossa)

Ao passo que o conceito de Afrofuturismo começou a ser pensado já na década de 1970, o Futurismo Indígena é bem mais recente. A pesquisadora da nação Anishinaabe Grace Dillon propôs o termo em 2003, em seu livro intitulado *Walking the clouds: An Anthology of Indigenous Science Fiction*. Alguns estudos utilizam o termo Futurismo BIPOC (Black, Indigenous and People of Color) para se referir às manifestações artísticas elaboradas por povos negros, povos indígenas e pessoas de cor (Mitchell; Chaudhury, 2020), que criam possibilidades de imaginar o futuro em uma perspectiva descolonial.

Este texto focaliza o conceito de Futurismo Indígena na Literatura e, portanto, adota como objeto de estudo a obra *Ximan Poteh: contos dos futuros Puris*, de André Muniz da Silva Puri. Trata-se de um estudo bibliográfico e interpretativo, de base qualitativa, em que se realiza uma leitura do primeiro capítulo da obra, intitulado “A canoa, o chefe e seu principal inimigo”.

No que concerne à organização do texto, primeiramente, são apresentadas breves considerações sobre o Futurismo Indígena; em seguida, discorre-se brevemente sobre a obra a ser analisada e sobre o autor; por fim, são apresentadas as reflexões a respeito do conto mencionado e as considerações finais.

### **Futurismo Indígena: uma abordagem recente, breves considerações**

Ao discorrer sobre as narrativas do Futurismo BIPOC, Mitchell e Chaudhury (2020, p. 321, tradução nossa) destacam como principais características “as subjetividades e formas de agências plurais e distintas, que minam as noções homogêneas de ‘humanidade’”; também são características do Futurismo BIPOC a sintonia com o tempo não-linear e a adoção de formas reais de mobilidade e hibridez.

Assim, essas narrativas corroboram a possibilidade do “fim da branquitude como uma estrutura de dominação” (Mitchell; Chaudhury, 2020, p. 321, tradução nossa) e abrem caminhos para a existência de mundos plurais. Contudo, as autoras salientam que “esses imaginários não buscam eliminar pessoas brancas, como alguns nacionalistas brancos radicais temem, mas, sim, as estruturas de poder que reforçam a branquitude e a aversão ao hibridismo em detrimento a outras formas de vida” (Mitchell; Chaudhury, 2020, p. 325,

tradução nossa). Desse modo, não se trata de um movimento contra o sujeito branco, mas, sim contra todo um sistema de poder e dominação pautado na falácia da superioridade racial que perpetua uma forma de sociabilidade que beneficia uma minoria de sujeitos, em oposição a toda a diversidade que caracteriza os seres humanos.

Siepak (2020, p. 58) afirma que, apesar de a literatura nativa americana ainda estar bastante ligada ao enfoque do colonialismo e seus efeitos, diversos escritores indígenas têm se dedicado a retratar “futuridades nativas”. A autora denomina essa produção literária indígena futurista como ficção especulativa e, segundo ela, a partir “da tradição do realismo indígena, a ficção especulativa indígena emerge como uma nova corrente significativa na escrita nativa americana contemporânea” (Siepak, 2020, p. 57, tradução nossa). Entretanto, Siepak (2020, p. 58) ressalta o fato de que a origem dos termos ficção especulativa e ficção científica é inteiramente ocidental, ao passo que o conceito de Futurismo Indígena, de Grace Dillon, possui um “caráter inquietante e contestador [...] que desafia as estruturas coloniais para vislumbrar futuros descoloniais”. Por isso, este artigo adota o termo Futurismo Indígena.

Ainda conforme Mitchell e Chaudhury (2020), por meio da ficção, das artes visuais, filmes, movimentos sociais organizados etc., os futurismos indígenas engendram um processo de descolonização, ao criticar as estruturas coloniais de dominação e recuperar modos indígenas de governar, bem como de melhorar as relações do homem com o planeta Terra e outros planetas.

O artigo de Paula (2021) cita como exemplo de iniciativa de afirmação da futuridade indígena o *website CyberPowWow*, cujo objetivo é superar os estereótipos sobre os povos originários, em uma espécie de ocupação dessa ferramenta moderna que é a internet; no *website*, elaborado em 1996 no Canadá, pessoas indígenas e não indígenas encontram trabalhos artísticos e textos criados por artistas e escritores indígenas que trazem sua perspectiva, a qual pode, então, confrontar a visão de mundo dominante. No Brasil, o site Centro de Memória do Povo Puri<sup>2</sup> oferece acesso a registros históricos, pesquisas e saberes do povo Puri, tais como danças, cantos, conhecimentos medicinais e alimentícios, artesanato, bem como a língua nativa falada por esse povo.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>

Na literatura, obras como *The Marrow Thieves* (Cherie Dimaline), *Future Home of the Living God* (Louise Erdrich), *Trail of Lightning* (Rebecca Roanhorse), *Ximan Poteh: contos dos futuros Puris*, entre outros, são exemplos de obras que imaginam os povos nativos no futuro, por meio da utilização dos subgêneros da ficção especulativa, isto é, horror, fantasia, sci-fi etc. Contudo, é preciso mencionar a dificuldade de acesso a essas obras literárias, no Brasil, tendo em vista o alto custo para aquisição, bem como a questão linguística, pois a maioria delas está publicada em língua inglesa e não possui tradução.

Por outro lado, há também artistas envolvidos com produção de quadrinhos, elaboração de design de jogos virtuais, como faz Elizabeth LaPensée, além de ilustrações como é o caso de Tsista Kennedy em parceria com a Indigenous Friends Association<sup>3</sup>, no Canadá.

Na música, um exemplo brasileiro de futurismo na arte musical é a rapper da nação Boe Bororo, Katú Mirim, cujas canções rejeitam a narrativa de extinção e reforçam o movimento de resistência indígena e confronto com as imposições da cultura ocidental. O refrão da música *Indígena Futurista*, de Katú, é exemplo da reafirmação da soberania indígena e de sua presença no passado, no presente e no futuro: “Me querem apagada, mas eu vou brilhar/ O bicho da mata virou popstar/ Nossa terra é vip eles não vão entrar/ Aqui é nobreza e nós vamos reinar” (Katú Mirim, 2021, *online*). O rapper Kunumi MC, filho do escritor Olívio Jecupé, também lançou o vídeo *Xondaro Ka'aguy Regua* com o objetivo de mostrar que o indígena não está congelado no tempo e que seus saberes são avançados.

Todas essas características corroboram a declaração de Paula (2021, p. 92, tradução nossa), segundo a qual “os futurismos indígenas envolvem várias iniciativas artísticas e acadêmicas investidas no desenvolvimento de múltiplas visões do amanhã”, para que os povos originários se sintam “vivos e representados”. Para Horner, Muñoz e Petrone (2021), o Futurismo Indígena corresponde à prática realizada pelos povos indígenas de imaginarem e construírem o futuro a partir de suas próprias cosmovisões, tradições, linguagens e histórias.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.indigenousfriends.org/>

Ao refletirem sobre o sistema de educação indígena como exemplo de Futurismo Indígena, no romance *The Marrow Thieves*, que apresenta um modelo de educação que foi preservado apesar das tentativas coloniais de erradicá-lo, Horner, Muñoz e Petrone afirmam que:

Os futurismos indígenas criam deslocamentos para o possível fim do colonialismo como estrutura de dominação e criam aberturas para a emergência de outras formas de estar no mundo. Considerar futurismos indígenas inerentemente significa que os povos indígenas não apenas existem no futuro, mas também ajudam a construí-lo (Horner; Muñoz; Petrone, 2021, p. 8).

Apesar das inúmeras formas de genocídio e etnocídio praticadas pelo colonizador, as narrativas indígenas futuristas confrontam o discurso colonial de extinção dos povos originários e afirmam sua resistência. Alguns estudos sobre Futurismo Indígena afirmam que, enquanto as ficções científicas produzidas por pessoas brancas estão preocupadas com a eminência de um apocalipse, os povos originários têm vivido um apocalipse desde o início da colonização, já que seu mundo foi destruído nesse processo (MITCHELL; CHAUDHURY, 2020; SIEPAK, 2020; HORNER; MUÑOZ; PETRONE, 2021). Apesar disso, esses pesquisadores afirmam que a existência do Futurismo Indígena é prova de que os povos originários conseguiram sobreviver ao apocalipse da colonização.

### **Xíman Poteh – narrativas do presente em busca de um futuro ancestral**

O autor do livro de contos *Xíman Poteh: contos dos futuros Puris*, André da Silva Muniz, da etnia Puri, conta que, por mais de 20 anos de sua vida, desconheceu sua origem indígena, porque, em virtude da vergonha e, principalmente, do medo imposto pela colonização, o avô do autor, chamado Altino, escondeu sua identidade indígena, a fim de proteger seus descendentes da violência e dos preconceitos enfrentados por seus antecessores no processo de colonização. Somente após a morte do avô, ele teve conhecimento sobre sua origem, por meio dos diários encontrados entre os pertences do parente. Segundo Muniz (2022, p. 32), “Os Puri ‘são poeiras de estrelas’ – é assim que nossos ancestrais explicam nosso nascimento no mundo. Éramos em torno de cinco mil pessoas na época da invasão e habitávamos toda a região que atualmente é chamada de sudeste [...]”. Ao afirmar que o povo Puri é poeira de estrela, André está falando sobre a cosmologia Puri, ou seja, como seu povo explica a própria existência.



Muniz é teólogo, pós-graduado em antropologia e mestrando em ciências humanas e sociais e, assim como muitos povos originários retirados forçadamente de seus territórios, destituídos de sua língua-mãe e de sua cultura, passa por um processo de retorno a sua herança ancestral, em busca de “resgatar elementos culturais tradicionais que foram silenciados pelo etnocídio, como grafismos, artesanatos, a língua nativa, territórios, [...] as religiosidades e práticas de espiritualidade originárias” (Muniz, 2022, p. 35). Esse processo recebe o nome de “etnogênese” e consiste em uma espécie de (re) nascimento da etnia, cujo objetivo não é recriar o mundo tal como era antes da invasão, mas, sim, considerar os processos históricos e transformações vividos pelos povos originários até então, ou seja, a miscigenação, o contato com a tecnologia e outras culturas, a vida no meio urbano etc.

Na condição de teólogo, Muniz faz uma analogia com o texto bíblico e afirma que, assim como Moisés foi chamado de volta à Terra Prometida para libertar seu povo da opressão do Faraó, o povo Puri também é continuamente chamado por Dokôra, o Deus Puri, para que se lembre que este é o seu Deus ancestral. Desse modo, Muniz declara que a resistência do seu povo:

[...] desafia a ideia, que continua em vigor até mesmo em órgãos oficiais do governo, de que o povo Puri estaria extinto. Porém, mesmo desarticulados enquanto povo, proibidos de falar nossa língua, sendo inibidos de viver e transmitir nossa cultura, nós, Puri, nos mostramos resilientes, e sobrevivemos contra todas as expectativas. Meu avô, sua mãe e sua avó marcam uma continuidade até mim, prova de que em momento algum deixamos de existir. (Muniz, 2022, p. 34)

Nessa perspectiva de etnogênese, busca ancestral e confronto com a narrativa de extinção, os contos futuristas de André Muniz incluem-se no inventário das obras do Futurismo Indígena, ao efetivarem o protagonismo indígena no futuro.

O livro possui 44 páginas e é composto por três contos que se intitulam respectivamente: “A canoa, o chefe e seu principal inimigo”, “Uma revolta de seres sem espírito” e “Amigos, inimigos e comunistas”. Os contos narram as aventuras e perigos enfrentados por um grupo de indígenas que viajam pelo espaço, a bordo de uma espaçocanoa chamada Ximan Poteh, que significa “caminho de luz”. O grupo de viajantes é liderado pelo guerreiro (Mligapeom) Xipu Puri que nasceu em uma “aldeia fora da Terra, no planeta Oru Uxo” (MUNIZ, 2021, p. 4); Vexe é o melhor piloto da frota da Ximan

Poteh e Txuri é a chefe do clã de ciências e pajé oficial da canoa, também nascida em Oru Uxo. A frota espacial é organizada em clãs, ou seja, clã dos cientistas, dos guerreiros, das operações etc.

Este artigo adota como objeto de análise o primeiro conto do livro, isto é, “A canoa, o chefe e seu principal inimigo”. Nesse conto, Xipu e sua equipe encontram um novo planeta e seu trabalho é catalogá-lo, conforme as leis intergalácticas; entretanto, os cientistas da Ximan Poteh identificam um sinal tecnológico suspeito no planeta ainda desconhecido. Para investigar esse sinal, Xipu, Txuri e outros três tripulantes (o cientista Ñamake e as guerreiras Ponan e Tangwa) adentram à atmosfera do planeta, porém são capturados por um antigo rival de Xipu, chamado Yosi, e um grupo de piratas espaciais, que os prendem em jaulas, em um local em que os seres desse planeta também se encontram encarcerados. A fim de encontrar uma forma de sair da prisão de Yosi, Txuri conecta-se com os espíritos dos seres nativos do planeta, por meio de uma espécie de meditação xamânica, e percebe que eles são pacíficos; com a ajuda dos nativos, os tripulantes da Ximan Poteh conseguem escapar das jaulas, entram em confronto com os piratas e acabam rendendo-os.

A característica, mais óbvia, que permite identificar os contos de André Muniz como narrativa futurista indígena é o fato de trazer o protagonismo dos povos originários em missões espaciais, ou seja, o indígena presente na literatura do subgênero sci-fi; contudo, mais do que a presença indígena, os contos de André Muniz resgatam a cosmovisão, a tradição, a língua originária Puri etc. Conforme aponta Paula (2021, p. 94), “os artistas indígenas não pretendem simplesmente revisar a história por meio deste projeto, mas reimaginar sua presença no presente e projeção no futuro”. Para além disso, outros aspectos do Futurismo Indígena podem ser destacados na narrativa, os quais serão evidenciados e discutidos a seguir.

Propõe-se, aqui, uma análise do conto a partir de duas características mais amplas que se ramificam em outras mais específicas e inter-relacionadas, a saber: Subjetividades e formas de agência plurais e Temporalidade não linear. As subjetividades plurais se relacionam, de algum modo, com a cosmologia e cosmovisão indígena e a ancestralidade; A Temporalidade não linear pode ser relacionada com a tecnologia e, também, com a ancestralidade. Contudo, todas elas estão conectadas.

Destaca-se, primeiramente, as subjetividades e formas de agência plurais e suas ramificações, uma vez que André Muniz cria um universo em que diferentes povos, de diferentes planetas convivem no espaço e em outros planetas, a exemplo dos seus antigos rivais da etnia Krenak, os Rayon (ou não indígenas), os Eletricoides que são seres extraterrestres etc. Considerar essas subjetividades plurais significa pensar um mundo em que a cosmovisão branca e eurocêntrica não seja a única, o que questiona a ideia de humanidade homogênea frequentemente presente nas ficções científicas produzidas por brancos.

Mitchell e Chaudhury (2020, p. 323) destacam que “muitos futuristas do BIPOC trabalham para recuperar os corpos pretos e pardos” e suas demandas específicas diante da “instrumentalização” desses corpos pelos sistemas de poder eurocêntrico. Conforme esses autores pontuam, em seu artigo, não raro, personagens negros e asiáticos são inseridos em filmes de ficção científica como corpos úteis até certo ponto da história, pois, a partir do momento que cumprem seu papel, tornam-se descartáveis, dando lugar ao protagonista branco que, normalmente, é o herói que salva a humanidade. É verdade que alguns seriados e filmes futuristas recentes têm mudado a perspectiva, mas ainda é comum encontrar os estereótipos em que o oriental é mostrado como cientista inteligente e o negro é caracterizado unicamente pela força física.

Nesse sentido, o conto em análise não só retira os personagens indígenas de posições periféricas e objetificadoras, mas também propõe a relação da humanidade com novas formas de subjetividades extraterrestres, conforme se percebe no seguinte excerto:

Construída pelos melhores engenheiros puris, numa parceria inédita com os eletricoïdes – dentre todos os alienígenas, são eles que detêm a fama mais do que merecida de ser a espécie com maior conhecimento tecnológico de todo o universo conhecido – e por isso o resultado dessa aliança não poderia ser outro: simplesmente a canoa mais veloz que já existiu, nomeada pelo seu povo de Ximan Poteh, “Caminho de luz” (Muniz, 2021, p. 2).

Em contrapartida com a instrumentalização mencionada por Mitchell e Chaudhury (2020), o sujeito indígena sequer aparece nas produções cinematográficas ocidentais. Em vista disso, Paula (2021, p. 92) enfatiza que, apesar de ser importante confrontar os “critérios inconscientes para a identificação de uma comunidade, uma imagem, uma

história, como ‘nativa’ ou ‘indígena’, também é importante reconhecer a ausência de representações indígenas nos mapas do futuro”. Além disso, a autora assevera que é preciso ter cuidado para não justificar essa ausência utilizando o argumento simplista da miscigenação e do hibridismo, como se as nações indígenas tivessem sido diluídas e se misturado à cultura branca.

Apesar das tentativas de apagamento, muitos povos originários conservam sua cosmologia, cultura, ancestralidade, língua. Muniz (2021) utiliza em seus contos palavras da língua Puri, tais como Mligapeom puri (guerreiro puri), Ndl’onoom (cantor), ope/opeh (sol), Dokôra (Deus), e isso demonstra o esforço de recuperação e preservação dessa língua. Também chama atenção o fato de que, em vez de uma nave espacial, a frota indígena está a bordo de uma espaçocanoa, o que poderia ser questionável do ponto de vista da ficção científica ocidental, mas é justamente o que marca o movimento de descolonização.

O grafismo, por sua vez, é parte essencial da cultura ancestral, faz parte da cosmologia que explica a origem de cada povo e tem significado profundo para cada nação indígena, o que é destacado no conto analisado:

Tradicionalista como era, nunca saía da sua cabine de chefe sem ao menos um simples grafismo, e como sentia que hoje seria um dia especial, resolveu cobrir o rosto com linhas retas de jenipapo e concluir sua arte com os típicos três pontos pretos na face, um em cada maçã do rosto e um na testa. (Muniz, 2021, p. 2-3)

Conforme o raciocínio de análise proposto anteriormente, compreende-se o grafismo como uma ramificação da subjetividade plural. Márcia Wayna Kambeba (2020, p. 47-48) explica que “os grafismos carregam responsabilidades, canalizam energias, fortalecem o corpo e a alma de quem os utiliza, desde que saiba seu significado e tenha respeito”, além de serem criados em “sintonia com o universo ancestral”; a autora afirma que os grafismos são elementos de comunicação dos povos indígenas, que expressam a identidade de um povo, e há grafismos para cada momento da vida e para cada situação, os quais podem ser alterados conforme a mensagem que se quer transmitir. Assim, nos grafismos da nação Omaguá/Kambeba, por exemplo, “o pontilhado (-----) significa água, pois imita a onda, da qual” esse povo surgiu, ao passo que “os grafismos em forma de >X< representam a união de todos os povos” (Kambeba, 2020, p. 48).

As afirmações de Márcia Kambeba ajudam a perceber a importância de compreender a subjetividade de cada povo originário, pois, ao contrário do que se convencionou após a invasão europeia, que classificou os povos originários como um todo homogêneo denominado pejorativamente de “índio”, cada povo possui sua denominação, suas crenças, mitos de origem, grafismos, língua etc. Janice Thiél (2012, p. 9) afirma que “a denominação ‘índio’ não reconhece a diversidade, mas constrói uma essência que permeia todo nativo-americano, independente da nação ou grupo linguístico ao qual pertença”. Conforme Thiél (2012), no Brasil, as narrativas do ‘descobrimento’, como a Carta de Caminha, o Tratado de Pero de Magalhães Gândavo e o relato de Jean de Léry, construíram a imagem do nativo de forma estereotipada, como primitivo, subalternizado, incivilizado, um outro que só poderia ocupar a posição de “coadjuvante: pode estar presente, mas não é visto; pode falar, mas não é ouvido e mesmo que seja ouvido pode não ser compreendido” (Thiél, 2012, p. 9). A literatura produzida pelo escritor indígena atua nesse caminho inverso de contra narrativa e a literatura indígena futurista, ao resgatar e valorizar a cosmologia, os grafismos e mitos ancestrais no futuro, possibilita vislumbrar esse futuro.

A ancestralidade, por seu turno, é uma característica que está ligada tanto à pluralidade subjetiva quanto à temporalidade cíclica, visto que o ancestral de um povo habita o passado e o presente. No conto de André Muniz, a ancestralidade e a espiritualidade são evidenciadas principalmente na personagem Txuri, que é pajé e chefe do clã dos cientistas. Por meio de seus conhecimentos enquanto pajé, a personagem consegue se conectar e se comunicar com os seres de diferentes planetas, o que é bastante interessante em comparação com a abordagem do colonizador europeu, que foi baseada em medo, opressão e violência.

Esse planeta é pacato – anunciou ela – poucos seres o habitam, poucos espíritos também. Eles são pacíficos e não estão acostumados com conflitos [...]. Ela fechou os olhos se concentrando. Sem suas ervas era mais difícil falar com os espíritos, mesmo num planeta com espíritos tão abertos quanto aquele. Txuri precisava da ajuda de seus espíritos particulares, mas era difícil trazer eles consigo através do espaço, pois geralmente são espíritos muito associados com lugares, elementos ou criaturas específicas. (Muniz, 2021, p.8-9)

Ademais, nos contos de André, a pluralidade de subjetividades aponta para uma superação da branquitude como estrutura de dominação e poder. O universo narrativo é formado não só por povos originários de diferentes etnias, mas também por não indígenas e seres extraterrestres, de modo que animais e plantas são personagens, o que remete à cosmovisão nativa de relação profunda com a terra e respeito a todos os seres. Aliás, o próprio Xipu é um ser extraterrestre, pois nasceu fora da Terra. O conto analisado deixa claro o respeito dos tripulantes da Ximan Poteh pelos habitantes do planeta encontrado, bem como a preocupação com o equilíbrio ambiental, conforme se verifica no fragmento a seguir; essa preocupação com o meio ambiente remete à cosmovisão indígena que não considera os elementos da natureza como recursos exploráveis, e sim como parte essencial do ecossistema que sustenta a vida em um planeta.

Finda a batalha, era hora de sair daquele planeta. Amarraram os inimigos, e as duas guerreiras os escoltaram para uma cela na espaçocanoa, da qual uma equipe de engenheiros desceu para desfazer as instalações improvisadas dos bandidos e confiscar seus equipamentos e suas naves. Não poderiam deixar nada no planeta, o risco de causar um desequilíbrio ecológico - talvez através de alguma contaminação era grande, e a equipe mesmo ficou chocada com a irresponsabilidade daquelas pessoas ao explodir uma espécie nativa e sequestrar tantas outras. (Muniz, 2021, p. 10)

No que concerne à temporalidade, é interessante refletir sobre a questão temporal no Futurismo Indígena, já que povos originários concebem o tempo de maneira distinta do ocidental. Daniel Munduruku declara que para seu povo há apenas dois tempos: “o tempo do passado, que é o tempo da memória, e o tempo presente, que é o tempo do agora. Na língua Munduruku, não existe a palavra futuro, simplesmente porque o futuro não existe” (Munduruku, 2017, *online*). Daniel explica que o futuro não é uma garantia, mas uma especulação, uma tentativa vã de aprisionar e controlar o tempo. Na sociedade ocidental é comum o pensamento de almejar um amanhã melhor, esperar a aposentadoria para finalmente aproveitar a vida, entretanto não há qualquer garantia de futuro, a expectativa de felicidade está em um tempo que não temos (Munduruku, 2017).

Para o povo Munduruku, é preciso olhar para o passado, isto é, preservar a memória ancestral, e viver o presente, por isso a necessidade de acúmulo de riquezas ou da

propriedade privada trazida pela visão do colonizador não faz sentido, pois esse povo entende que está de passagem neste mundo.

Como, então, é possível falar em futuro indígena? Ora! Em oposição à visão eurocêntrica de aprisionar o tempo, o Futurismo Indígena funciona como uma ferramenta para confrontar a noção de que os indígenas estão congelados no tempo, presos ao passado, isolados nas matas e distantes da modernidade. Embora sua relação com o passado, com a ancestralidade, seja extremamente importante, povos nativos estão presentes nas cidades, nas universidades, nas redes sociais, na literatura e artes em geral, negando a narrativa de extinção e reescrevendo as narrativas sobre si mesmos.

Por outro lado, Paula destaca que:

Diferentes comunidades indígenas e nações indígenas têm experiências e entendimentos diferentes sobre a temporalidade e visões contrastantes sobre o que significa falar do desconhecido ou do que ainda vai acontecer, mas compartilham o entendimento de que as iniciativas que os tornam visíveis agora, fora dos museus e livros de história, são fundamentais para resistir à erradicação. (Paula, 2021, p. 95, tradução nossa)

Nesse sentido, é possível afirmar que a narrativa de André Muniz Puri caminha nesse horizonte de confrontação da história única europeia e da ideia de desaparecimento, uma vez que o tempo da narrativa é um futuro em que a viagem espacial e a vida em outros planetas já são uma realidade, e o povo Puri está presente nesse espaço-tempo como protagonista que domina a tecnologia, as ciências, sem perder de vista sua ancestralidade. Um futuro em que nem a existência nem a capacidade indígena são questionadas, o que revela a superação da narrativa do primitivismo ou do desaparecimento.

Exemplo disso é o fato de Xipu e Txuri terem nascido em uma aldeia fora da terra, no planeta Oru Uxo, que também era habitado por outras etnias como Yanomami, Aranã, Aché, Quíchua, Navajo etc. Txuri é uma personagem interessante que, além de astrobióloga, é pajé da espaçocanoa, por isso seu trabalho é liderar o clã das ciências, bem como comunicar-se espiritualmente com os espíritos dos seres que vivem em outros planetas: “- Nossa equipe científica já enviou uma sonda na frente para analisar o planeta. – explicou Txuri – À primeira vista, parece conter uma atmosfera e a possibilidade de abrigar alguma forma de vida, mas não sabemos quais elementos encontraremos ainda” (Muniz, 2021, p. 4).

Além do mais, Whyte (2018, p. 229) traz a ideia de tempo espiralado, propondo que esse tempo “se refere às variadas experiências de tempo que temos como participantes de narrativas que envolvem nossos ancestrais e descendentes”. Com base na cosmologia Maori, o autor argumenta sobre a conexão entre passado, presente e futuro, visto que é pelo passado que se constrói o presente, e o presente é reconstruído no futuro. De certa forma, o trabalho de André, ao vislumbrar acontecimentos de um outro tempo, com base na sua herança indígena, mobiliza conhecimentos ancestrais e abre caminhos para que seus descendentes deem continuidade a essa herança, ao passo que ele vai se tornando ancestral.

Na sinopse do livro apresentado por André Muniz Puri (2021, online, grifo nosso), no site da Amazon, o autor declara: “**Esses contos são de uma época que eu ainda não vivi, pois aconteceram no futuro** e eu ainda não existo lá. São as histórias de um puri que ainda nem nasceu!”. E, por fim, ele convida:

Suba a bordo da canoa espacial mais rápida do universo conhecido, pinte seu corpo com jenipapo e urucum, prepare o arco, as flechas e as bordunas - porque nem todos os seres do espaço são amigáveis! - e **se prepare para conhecer as aventuras que os puri ainda não começaram a viver**. (Muniz, 2021, online, grifos nossos)

Em vez de almejar um futuro distante e utópico, na perspectiva ocidental de garantir/aprisionar o amanhã, a ideia de Futurismo Indígena encerra uma preocupação com a existência hoje, visto que, apesar da existência de leis que garantem os direitos indígenas, povos originários continuam relegados às periferias, expulsos de seus territórios, assassinados pelos garimpeiros e fazendeiros do agronegócio. O indígena só pode existir no futuro, se ele existir no presente, portanto garantir o presente significa possibilitar a continuidade das gerações futuras.

### Considerações Finais

O conceito de Futurismo Indígena é bastante novo e ainda pouco explorado, principalmente no Brasil. Na América do Norte, obras como *The Marrow Thieves* (Cherie Dimaline), *Future Home of The Living God* (Louise Erdrich) e *Refugees* (Celu Amberstone)



permitem tanto a apreciação dessa literatura sob uma perspectiva anticolonial quanto o desenvolvimento de pesquisas. No Brasil, o livro *Ximan Poteh: contos dos futuros Puris* (André Muniz da Silva Puri) abre portas para essa perspectiva, bem como para um novo nicho bastante promissor dentro da literatura indígena.

Nesta análise sucinta, foi possível identificar no conto estudado as seguintes características: a pluralidade de sujeitos e suas demandas específicas, as quais têm relação direta com a cosmologia, cosmovisão, ancestralidade, linguagem, os grafismos que também são uma espécie de linguagem; percebe-se a pluralidade de sujeitos por meio dos personagens, já que diversos povos indígenas, não indígenas e extraterrestres convivem no espaço de modo natural. Além disso, há o resgate da cosmovisão e da língua nativa Puri, bem como dos grafismos que identificam e caracterizam cada povo nativo como singular. Por fim, o conto resgata a cosmologia Puri, ao designar esse povo nativo como “poeira de estrelas”, um mito de origem que remete justamente ao espaço e, de certo modo, indica uma conexão com a morada ancestral e, ao mesmo tempo, legitima a narrativa dos futuros Puri.

A temporalidade cíclica/não linear pode estar relacionada com a ancestralidade e com a tecnologia. Os povos nativos entendem o tempo de maneira diferente dos povos não indígenas, pois acreditam que o futuro não existe, portanto é necessário viver o presente e manter o passado vivo na memória, para que se possa aprender com ele. Assim, para o indígena, não se trata de planejar o futuro, mas, sim de olhar para o passado, cuidar do presente da melhor maneira, para que o futuro seja possível.

Desse modo, a ancestralidade faz parte da temporalidade cíclica, uma vez que os espíritos ancestrais (avós, bisavós) estão vivos nos indígenas do presente e seus ensinamentos e experiências possibilitam a continuidade da existência e a futuridade. A espiritualidade nativa é destacada, principalmente, na personagem Txuri, que é Pagé e cientista, o que indica a convergência entre passado, presente e futuro, ancestralidade e tecnologia.

Conforme a análise, ambas as características apontam para a superação do colonialismo europeu e da branquitude como forma de poder. Por meio da pluralidade subjetiva, os contos de André também questionam a noção de sociedade homogênea.

Embora esteja presente na música, em obras de arte, a presença da perspectiva do Futurismo Indígena na literatura brasileira é necessária. As características do Futurismo Indígena na literatura precisam ser melhor delineadas e, espera-se que as breves reflexões expostas, neste artigo, possam contribuir para esse delineamento e entendimento, bem como fomentar a produção de novas narrativas indígenas futuristas, assim como tem ocorrido com a produção de narrativas afrofuturistas.

## Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2009.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HORNER, M.; MUÑOZ, J.; PETRONE, R. Ni keetwawmi mooshahkinitounawn: Lifting Up Representations of Indigenous of Indigenous Education and Futures in The Marrow Thieves. **Research on Diversity in Youth Literature**, v.4, n.1, 2021.

KAMBEBA, M. W. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

INDÍGENA futurista. Intérprete: Katú Mirim. Compositores: Katú Mirim. Beat: Phillip Beat e Katu Mirim. Gravação e produção: Windi Studio. Arte: Auá Mendes. 2021.

MITCHELL, A.; CHUDHURY, A. Worlding beyond 'the' 'end' of 'the world': White apocalyptic visions and BIPOC futurisms. **International Relations**, v.34, n.3, p.309-332, 2020.

MUNDURUKU, D. O ato indígena de educar(se), uma conversa com Daniel Munduruku. Transcrição de encontro realizado em 5 de julho de 2016, como parte da ação de difusão da **32ª Bienal: Programa de Encontros no Masp**. 2017. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/3364#:~:text=Para%20o%20povo%20Munduruku%20o%20C3%B3,porque%20o%20futuro%20n%C3%A3o%20existe>. Acesso em: 01 dez. 2022.

MUNIZ, A. S. **Ximan Poteh**: Contos dos futuros Puris. André Muniz Puri, 2021. E-book/ Kindle.

MUNIZ, A. S. Sinopse. In: Amazon.com.br. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ximan-Poteh-Contos-futuros-puris-ebook/dp/B094PT8YVC> Acesso em: 28 nov. 2022.

MUNIZ, A. S. Esboços de uma teologia Puri: Caminhando com Moisés no processo de etnogênese. In: SANCHES, S. M.; MUNIZ, A. S.; RIBEIRO, P. R. (org.). **Teologia Indígena Cristã**. Campinas: Editora Saber Criativo, 2022.

PAULA, F. R. The culture of the time and the horizons of futurity. **Revista Debates**, v.15, n.3, p.78-103, 2021.

SIEPAK, J. Dimensions of Decolonial future in Contemporary Indigenous Speculative Fiction: Louise Erdrich's Future Home of the Living God and Rebeca Roanhorse's Trail of Lightning. **Anglica: An International Journal of English Studies**, v.29, n.1, p.56-73, 2020.

THIÉL, J. **Pele silenciosa, pele sonora**: a literatura indígena em destaque. São Paulo: Autêntica, 2012.

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WHYTE, K. P. Indigenous science (fiction) for the Anthropocene: Ancestral dystopias and fantasies of climate change crises. **Environment and Planning E: Nature and Space**, v.1 (1-2), p.224-242, 2018.

WOMACK, Y. L. **Afrofuturism**: the world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.